

ORIZICULTURA

Potencial dos biocombustíveis é alternativa ao setor do arroz

LANZETTA/EMBRAPA/DIVULGAÇÃO/JC



Grão gigante não é próprio para o consumo, mas pode ser empregado na produção de etanol e de ração

Variedade que surgiu durante crise dos preços há mais de 10 anos volta à cena produtiva gaúcha

Eduardo Torres

Um arroz de grão gigante, chegando a 52 gramas a cada mil grãos – o dobro do arroz convencional –, com elevado teor de amido e não recomendado ao consumo humano é atualmente desenvolvido no campo experimental da Embrapa Clima Temperado, em Pelotas, e pode representar mais uma resposta do agro gaúcho à crise dos combustíveis. Mais que isso, é uma maneira de viabilizar economicamente as lavouras de arroz no Sul do Estado. O BRS AG é desenvolvido para ser matéria-prima na produção de etanol e para ração animal.

“Essa cultivar não se diferencia em nada no manejo e no potencial produtivo atual do arroz no Rio Grande do Sul. O grão, diferenciado, é que se destina a outra finalidade e pode agregar valor aos produtores”, explica o pesquisador da Embrapa Clima Temperado, Ariano Magalhães. E mesmo que soe como novidade em tempos de corrida por combustíveis alternativos e sustentáveis, o BRS AG não é nada novo. Foi apresentado ainda em 2014, como resultado de uma crise de preços no arroz e da primeira onda de biocombustíveis no País.

“Em 2010, a partir de uma crise, o setor produtivo procurou a Embrapa para desenvolver uma alternativa

e este foi o resultado. Mas, na época, houve recuperação do arroz e o interesse diminuiu. A cultivar não chegou a ser produzida comercialmente. Agora, em uma nova crise, fica demonstrado que o setor precisa pensar a médio e longo prazo. Já houve procura de produtores durante a abertura da colheita do arroz, e a indústria de biocombustíveis no Estado também se encontra em um novo estágio de desenvolvimento. O cenário é mais favorável e o BRS AG pode ser uma forma de equilibrar um pouco mais o mercado”, comenta Magalhães.

Somente entre janeiro e dezembro, com oferta em alta, o preço pago pelo arroz ao produtor teve redução de 47%. Os cinco municípios com maior produção do grão no Rio Grande do Sul ficam justamente entre a Campanha, Fronteira Oeste e Sul, e mesmo com redução de área plantada, por exemplo, entre 2024 e 2025, o desenvolvimento genético e o manejo aprimorado têm garantido produtividade positiva a cada safra. Em contrapartida, nos últimos 30 anos, o volume per capita de arroz consumido pelo brasileiro reduziu em 27%.

A verticalização da cadeia produtiva também é garantida na região, com a maior concentração dos engenhos de arroz em polos como Pelotas, Uruguaiana e São Gabriel. Uma das alternativas apontadas em estudo do Instituto Rio Grandense do Arroz (Irga) é a busca de novos mercados internacionais ao arroz gaúcho. No primeiro trimestre deste ano, este movimento foi bem sucedido. A venda de arroz no Exterior representou

47,1% das exportações de Pelotas no período, e registrou uma alta de 90% no arroz com casca no Estado em relação aos três primeiros meses de 2025, mesmo com uma queda de 48% no arroz já processado. No entanto, o setor relata desaceleração nos meses seguintes.

“A nossa estimativa é de que o arroz gigante poderia ocupar 10% da área produtiva com o grão no Rio Grande do Sul. Não comprometeria a demanda por alimento e garantiria um fator de equilíbrio de mercado, com valor agregado ao produtor”, explica o pesquisador. No atual ciclo produtivo, a Embrapa fez a primeira multiplicação de sementes; no próximo, o desenvolvimento se dará ainda no campo, e a estimativa é de que em duas safras seja possível ter grãos suficientes para abastecer a demanda industrial para produção de etanol ou ração animal.

Os estudos indicam que a cultivar tem capacidade de gerar 430 litros de etanol por tonelada de grãos, um potencial superior ao milho e à cana de açúcar, por exemplo. O cálculo da Embrapa Clima Temperado é de que, com um cultivo de 100 mil hectares, seja suficiente produzir em torno de 100 quilos por hectare e, com isso, abastecer a demanda industrial.

“Todo cereal se presta à produção de biocombustível por meio da hidrólise, mas essa variedade garante esse processamento com mais eficiência e menor tempo em relação ao arroz fino, por exemplo, além de não representar uma concorrência à produção alimentar”, detalha o pesquisador.

Maiores áreas e produções de arroz da região

- 📍 Uruguaiana: 72,2 mil hectares | 707,2 mil toneladas
- 📍 Santa Vitória do Palmar: 68,1 mil hectares | 653,1 mil toneladas
- 📍 Itaqui: 57,2 mil hectares | 604,7 mil toneladas
- 📍 Alegrete: 50,5 mil hectares | 460,7 mil toneladas
- 📍 Dom Pedrito: 36,9 mil hectares | 339,2 mil toneladas

Mesmo com alta de custos, cereal mantém papel estratégico no Sul

Ana Esteves

A cadeia produtiva do arroz segue como um dos principais motores econômicos do Rio Grande do Sul, especialmente nas regiões da Campanha, Fronteira Oeste e Sul do Estado. No entanto, o setor atravessa um período de forte pressão financeira, marcado pelo aumento dos custos de produção, endividamento dos produtores e redução gradual do número de agricultores na atividade. Segundo o assistente técnico regional da Emater/RS-Ascar, Fábio Gallarreta, que atua em 20 municípios da região de Bagé e Fronteira Oeste, as safras de 2024 pra cá foram impactadas diretamente pelo cenário geopolítico internacional, principalmente pelas guerras entre Rússia e Ucrânia e no Oriente Médio.

“O custo da lavoura aumentou significativamente. Hoje, o desembolso direto para implantação e condução da cultura gira em torno de R\$ 15 mil por hectare”, afirma. Conforme o técnico, o incremento nos custos da última safra ficou entre 10% e 15%, puxado principalmente pelo encarecimento de fertilizantes, combustíveis e defensivos agrícolas.

Enquanto os custos avançam, o preço recebido pelo produtor permanece abaixo do necessário para cobrir as despesas da lavoura. De acordo com levantamento da Emater, os preços praticados no Estado variam atualmente entre R\$ 58 e R\$ 65 por saca de 50 quilos, com maior incidência próxima de R\$ 61. O problema, segundo o especialista, é que o custo de produção estimado pelo Instituto Rio Grandense do Arroz (Irga) exige um valor próximo de R\$ 75 por saca para garantir equilíbrio financeiro ao produtor. “A situação preocupa porque, além do custo elevado, muitos produtores já carregam passivos e endividamento acumulado de outras safras”, destaca.

Diante do cenário econômico desfavorável, a redução da área cultivada na próxima safra é considerada uma possibilidade real. Apesar disso, o técnico observa que parte da produção vem sendo direcionada para exportação, principalmente

via Porto de Rio Grande, numa tentativa de reduzir estoques internos e melhorar a sustentação dos preços. Outra alternativa que começa a ganhar espaço dentro do setor é a utilização do arroz para produção de etanol. A proposta já vem sendo discutida junto ao governo estadual e é vista como uma forma de ampliar o consumo do cereal e agregar valor à cadeia produtiva.

“O Rio Grande do Sul é deficitário em etanol e depende muito do produto vindo de São Paulo. A ideia é transformar um problema em oportunidade”, afirma. Segundo ele, já existem plantas industriais em construção no Estado voltadas para produção de etanol a partir de outras culturas, como trigo e batata-doce, e o setor arrozeiro busca apoio para implantação de unidades também na metade Sul.

Apesar das dificuldades econômicas, o técnico não acredita em uma redução drástica da cultura no Rio Grande do Sul, como ocorreu em outras cadeias agrícolas, a exemplo do trigo, pois para ele o arroz irrigado possui maior estabilidade produtiva, graças ao domínio tecnológico dos produtores e à irrigação por inundação, predominante no Estado. “O arroz tem uma estabilidade que outras culturas não possuem. O produtor domina a tecnologia e a irrigação reduz muito o impacto climático”, afirma. Enquanto culturas de inverno, como o trigo, sofrem perdas severas em períodos de excesso de chuva durante a colheita, o arroz apresenta menor vulnerabilidade climática.

Um dos principais sinais de transformação do setor está na redução do número de produtores. Conforme dados da Associação dos Arrozeiros de Uruguaiana e Barra do Quaraí, repassados à Emater, houve queda entre 30% e 40% no total de produtores desde os anos 2000. Ao mesmo tempo, o tamanho médio das propriedades aumentou. Há cerca de 25 anos, a média de área por produtor ficava entre 200 e 250 hectares. Atualmente, supera os 500 hectares. O movimento reflete a saída gradual dos pequenos produtores da atividade, pressionados pela baixa rentabilidade e pelo aumento dos custos operacionais.